

Da autora do best-seller  
*O garoto do cachecol vermelho*

Ana Beatriz Brandão

# CORACÃO DE OURO

PRINCESA ÁUREA

 Planeta minotauro

Ana Beatriz Brandão

# CORACÃO DE OURO

PRINCESA ÁUREA



Copyright © Ana Beatriz Brandão, 2026  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Lígia Alves  
*Revisão:* Opus Editorial e Fernanda Guerriero Antunes  
*Projeto gráfico e diagramação:* Gisele Baptista de Oliveira  
*Capa:* Marina Banker  
*Ilustrações de miolo:* Ana Beatriz Brandão  
*Mapa:* Lune Carvalho

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Brandão, Ana Beatriz  
Coração de ouro / Ana Beatriz Brandão. - São Paulo : Planeta do  
Brasil, 2025.  
416 p. : il.

ISBN: 978-85-422-3801-3

1. Ficção brasileira 2. Literatura fantástica I. Título

25-3626

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando  
o manejo responsável das florestas do mundo  
e outras fontes controladas

2026  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista  
São Paulo – SP – CEP 01310-913  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# Sumário

**6**  
Idioma  
mirano

**15**  
Prólogo  
ELA

**17**  
Mudas  
ELE

**24**  
Rio de  
sangue

**33**  
Ouro

**45**  
Áurea  
ELA

**58**  
Mentiras  
ELE

**68**  
Névoa  
ELA

**75**  
Solar  
ELE

**80**  
Perguntas

**85**  
ELA

**99**  
Verdade

**109**  
Desculpas  
ÉLE

**117**  
Amigos

**129**  
ELA

**132**  
Lualia

**140**  
Mirano

**154**  
Salvação

**165**  
Vida ou  
morte  
ELE

**181**  
Meu  
domínio  
ELA

**191**  
O preço  
do sangue

**203**  
O canto  
da sereia

**214**  
Voz da  
floresta

**222**  
A ponta  
da agulha  
ELA

**240**  
Sobrevivente

**245**  
O outro lado  
ELE

**254**  
Reconhecimento

**258**

Risco

**263**

ELA

**270**

Volta para  
casa

ELE

**275**

Portas do  
Inferno

ELA

**285**

Fim dos  
tempos

**303**

Mar de fogo

**320**

Novo lar

**331**

Gigantes  
Adormecidos

**346**

Meu milagre

**365**

A grande  
guerreira

ELE

**374**

Última  
viagem

ELA

**386**

Coração  
de ouro

**396**

Despedida

ELE

**406**

Liberdade

ELA



# Mudas

ELE

— O verão chegou — anunciei para minha irmã, depois de algum tempo olhando pela janela.

— Como pode saber disso? — ela perguntou, curiosa, se aproximando de mim.

Sorri, abaixando a cabeça e achando graça em sua ingenuidade. Gwendoline me perguntava a mesma coisa todos os anos, sempre que eu dizia aquilo a ela. Será que, depois de tantos acertos, ainda não confiava em mim?

Simplesmente dei de ombros, preferindo me concentrar em observar o movimento das folhas das árvores sob a ação do vento a ter que iniciar uma explicação elaborada sobre as mudanças de estação. Gwen não se contentaria com poucas palavras se eu começasse a falar.

— Você tá meio quieto — ela disse, depois de alguns segundos. — É por causa deles?

Eu daria de ombros mais uma vez se não soubesse que ela acabaria reclamando pela falta de resposta.

O início do verão, para nós dois, representava o aniversário da morte dos nossos pais. E, apesar de já terem

se passado alguns anos, fingir que tinha superado não era fácil para mim. Ela só tinha dez anos quando eles se foram. E eu, dezessete. Minha raiva e tristeza tinham vários tons a mais de amargura.

No entanto, ao contrário do que ela pensava, o aniversário da morte dos nossos pais não era o motivo de eu estar daquele jeito, mas sim a visita daqueles que os mataram.

Eles foram mortos pela Guarda Real, que sempre nos visitava no início da estação para recolher os impostos anuais. Naquele dia, cinco anos antes, nossa aldeia não conseguiu atingir a meta, e alguns de nós tiveram que pagar essa dívida com a própria vida. E naquele ano meus pais foram executados. Era assim que o rei mantinha a todos sob seu domínio.

— Algo me diz que não alcançamos o objetivo — respondi —, e que eu vou ter bastante trabalho nas próximas semanas pra cuidar dos estragos.

O curandeiro da aldeia também fora morto naquele dia, e, como eu era seu único aprendiz, acabei assumindo o cargo automaticamente. Não me considerava muito experiente, é claro, mas acabei aprendendo muito com o tempo. Agora, com alguma persistência e dedicação, conseguia fazer milagres.

— Um pouco de esperança cai bem às vezes, Thomas — murmurou ela, se levantando da cama, vindo até mim e parando ao meu lado em frente à janela. — Ainda mais para você, que trabalha com isso.

— Eu não trabalho com esperança — retruquei. — Trabalho com esforço, e com a ciência. Deixe a magia para os seres da floresta.

Me afastei dela, indo até nosso armário de suprimentos e verificando o que ainda tínhamos. Estávamos acostumados a viver com pouco, mas a troca de estações era sempre mais difícil. As árvores não davam frutos, e nada crescia no campo. Vivíamos da caça, mas não podíamos ir muito fundo na floresta. Aquele não era nosso território. Pertencia às criaturas mágicas que viviam lá.

Não pude deixar de notar que Gwendoline continuava me encarando com o olhar de desaprovação que eu conhecia bem. Ele se tornava cada vez mais frequente com o passar dos anos.

— Odeio quando chega esta época. Você fica com um mau humor quase insuportável — comentou ela.

— Tem certeza de que houve algum momento em que eu não fui assim? — perguntei, com ironia.

— Tem razão. Você é sempre chato.

Minha irmã riu, deixando pra lá o “olhar de desaprovação” e voltando a exibir o sorriso iluminado de sempre, tão característico dela. Parecia nosso pai quando o fazia, com seus olhos azuis, o cabelo loiro liso e as bochechas rosadas. Já eu era igual à nossa mãe, com as íris cor de esmeralda e o cabelo cacheado castanho.

Fiz algumas contas em voz baixa, calculando por quanto tempo teríamos aquelas rações. Se não quisesse passar ainda mais apertado, teria que sair para caçar em breve, o que não era minha tarefa predileta. Felizmente, a feira da cidade começaria em cinco dias, e poderíamos comprar mais suprimentos caso restasse um pouco do dinheiro dos impostos.

— Fala comigo — pediu ela. — Tem mais coisa te incomodando, eu sei disso. Te conheço muito bem.

Suspirei, meio cansado de sua insistência. Era compreensível que estivesse preocupada, e se fosse o contrário eu também agiria assim, mas... ficava difícil falar sobre algo que você não sabia o que era. Minha irmã gostava das coisas bem explicadas, e, se eu dissesse a ela que meu desconforto era por causa de um pressentimento ruim, acabaríamos passando horas discutindo sobre qual poderia ser a raiz do meu problema.

— Precisamos de mais macela. — Tentei desviar o assunto. — O filho do Owen está apresentando quadro de febre constante.

Me afastei do armário, indo em direção à porta e pegando a cesta que ficava em cima da mesa, no meio do caminho. Estava com a mão na maçaneta quando a ouvi bufar, reclamando de eu nunca dar as respostas que ela queria. Ao contrário do que pensou que eu faria, continuei meu caminho, deixando-a sozinha em nossa cabana sem dizer mais nada.



Já tinha colhido tudo de que precisava à beira da floresta, e estava caminhando pela aldeia com a cesta cheia de plantas para fazer a visita da semana aos meus últimos pacientes.

As ruas de terra estavam cheias, e todos se organizavam para a visita da Guarda Real, que aconteceria quando o sol estivesse a pino. Não faltava muito, mas ainda tínhamos tempo.

Observei por alguns minutos as pessoas juntando uma pequena pilha de pepitas de ouro e pedras preciosas, colocando-as num saco de pano e medindo seu peso. Aquilo era toda a riqueza que podíamos dar, junto com a montanha de encomendas que a capital fazia aos nossos serralheiros.

Vivíamos nos confins do reino de Mydria, numa pequena aldeia com duzentos habitantes que se chamava Estrela de Ferro. Não era para menos. Tínhamos uma enorme torre de ferro com uma estrela na ponta que ficava no meio da praça principal, e todos os estabelecimentos foram construídos ao redor dela.

Vivíamos numa região bem no meio do caminho entre Arthurial, nossa capital, e Adamas, uma cidade na base das montanhas em que pedras preciosas e metais eram as coisas mais comuns. Por isso, éramos os responsáveis por converter os montes de pedras e metais em objetos que podiam ser usados em Arthurial.

Como nada do que fazíamos ficava conosco, éramos uma população pobre, que sobrevivia com os restos do ouro que usavam para pagar pelos nossos serviços. Não tínhamos o suficiente para comercializar com outras cidades, mas todas as coisas que a floresta nos proporcionava nos ajudavam a sobreviver muito bem.

A questão era que, em nosso reino, migrações eram proibidas, e não havia como mais pessoas virem à nossa aldeia para nos ajudar. Por isso nossa população diminuía cada vez mais, e tínhamos que

sobrecarregar os habitantes, dando a eles cada vez mais tarefas. Eu era um bom exemplo disso. Tinha que cuidar de cento e noventa e nove pessoas só com a ajuda da minha irmã, que não sabia muito sobre a medicina das plantas. Ela queria cuidar do jardim, então não se dedicava muito a aprender a arte da cura em si. Eu não a culpava por isso. Não era sua obrigação assumir meu papel quando eu não pudesse mais cumpri-lo.

Todos os homens entre quinze e sessenta anos, com exceção de mim, trabalhavam com serralheria, metalurgia e marcenaria. Eles eram os responsáveis por cumprir a meta anual dos impostos para a Guarda. Era praticamente metade da população. E as mulheres e idosos cuidavam da culinária, da costura e dos animais

— Bom dia, Thomas! Como vai? — perguntou alguém, me tirando do estado pensativo no qual havia entrado ao encostar em uma das colunas da torre da grande Estrela de Ferro.

Olhei para trás. Era Eileen, a filha de um dos meus pacientes mais antigos, um senhor cuja artrite eu tratava com cúrcuma. Ele sempre me falava que adoraria que a filha encontrasse um bom marido, como tinha certeza de que eu seria. Acho que grande parte da aldeia concordava com ele, já que sempre nos encaravam quando estávamos juntos, cochichando as mais diversas coisas sobre nós.

Eileen era muito bonita, tinha longos cabelos ruivos encaracolados e olhos castanhos, mas apenas sua beleza não seria suficiente para me fazer gostar dela. Eu mal a conhecia, tínhamos conversado poucas vezes e sempre sobre amenidades. Era uma colega, assim como a maioria das pessoas ali.

Eu não tinha grandes amizades. Minha irmã e eu vivíamos numa cabana um pouco afastada da aldeia, com nossa grande horta e algumas galinhas. Enquanto Gwen saía para se aventurar por aí, eu ficava em casa estudando e organizando meus utensílios de trabalho, mudando-os de um lugar para outro sem nunca ficar satisfeito.

— Oi. — Sorri discretamente para ela. — Vou bem. E você?

— Melhor impossível! — respondeu Eileen, animada. — Não quero te incomodar muito. Só vim dizer que papai te convidou pra jantar

lá em casa hoje. Meus irmãos caçaram um javali, e minha mãe fez um pão maravilhoso. Seria muito bom se você e a Gwen viessem.

— Ah, nossa! Seria... seria ótimo — falei, surpreso pelo convite. Não era todo dia que tínhamos javali. Fazia tanto tempo que não comia um que mal me lembrava do gosto.

— Ótimo, então até...

Antes que ela tivesse a chance de terminar, ouvimos o que parecia ser o som alto de um trovão, que fez o chão estremecer.

Um murmúrio percorreu a praça enquanto as pessoas olhavam para cima, procurando por sinais de chuva. O céu estava azul, e não havia quase nenhuma nuvem nele. Olhei em volta, procurando por algum sinal de explosão na aldeia, mas também não havia fumaça.

— Eileen — comecei, colocando a mão em seu braço, ainda procurando o que quer que pudesse ter emitido aquele som —, acho melhor você ir pra casa.

Ela assentiu, e, quando havia se afastado uns dez metros, o som de um trovão fez cada estrutura da aldeia bambear mais uma vez. Só quando a vi sumir em meio à multidão que começava a se desesperar decidi me afastar da Estrela de Ferro, imaginando quão confusa Gwendoline devia estar.

Mal tinha dado três passos quando o tremor nos atingiu mais uma vez, bem mais forte, derrubando metade de nós no chão. Segurei uma senhora que passava antes que ela caísse, ajudando-a a se recompor quando tudo cessou.

— Thomas! — ouvi alguém gritar, e logo reconheci a voz de minha irmã.

Me apressei na direção de sua voz, tentando identificar sua localização, e só quando vi seu cabelo loiro em meio ao mar de cabeças que corria pela rua principal me senti um pouco mais aliviado.

O chão tremeu mais uma vez, porém algo mais aconteceu. Como sangue na água, uma mancha vermelha tingiu o azul do céu, se espalhando e ficando cada vez maior, até preenchê-lo por completo.

— THOMAS! — Gwen berrou, bem mais perto, praticamente pulando em cima de mim.

Eu a abracei, olhando enquanto nuvens pretas começavam a aparecer do nada. As estruturas das casas e até mesmo a torre da Estrela de Ferro começaram a ruir, e as pessoas se apertavam cada vez mais no meio da rua, com medo de serem atingidas pelos destroços no caso de um desabamento.

— O que é isso?! — ela perguntou, desesperada.

— É uma Muda — respondi, apertando ainda mais os braços ao seu redor e tentando manter a calma.

Não era hora de entrar em pânico como os outros. Eu precisava tirá-la dali antes que a situação piorasse e ela acabasse se machucando. Não sabia até onde aquilo tudo iria, e também não queria ficar ali para descobrir.

As Mudanças eram a forma que os Deuses encontraram para se comunicar conosco.

Sempre que havia alguma mudança drástica no tempo, ou acontecia algo fora do comum – o céu ficar vermelho, por exemplo –, tinha a ver com *Eles*.

Guerras faziam os dias serem trocados pelas noites. Massacres tingiam o céu de vermelho, como havia acontecido. A destruição das nossas florestas nos fazia sofrer com meses de seca, e o inverno sempre parecia mais rigoroso quando alguém muito importante morria.

Em compensação, tínhamos boas colheitas e chuvas abundantes ao reflorestar algum lugar, e éramos presenteados com novas espécies de animais e plantas quando fazíamos tratados de paz.

Por isso nos mantínhamos sempre conectados à terra. Ela era nossa forma de comunicação. Era uma força viva, então tínhamos que cuidar dela.

Não havia se passado muito tempo quando começou a chover cinzas, e os tremores se tornaram ainda mais recorrentes, nos dando apenas alguns segundos de intervalo.

— Vamos, eu preciso te tirar daqui — falei, puxando-a na direção da nossa cabana enquanto rezava para que nada caísse dos céus em nossas cabeças no meio do caminho.



# Rio de sangue

Infelizmente a Muda não parou por ali. A água do rio que ladeava nossa aldeia, e que ficava a poucos metros da minha casa, havia se tornado sangue puro, e uma tempestade de raios se iniciou, criando focos de incêndio na floresta.

Pelo menos os tremores não demoraram a passar, e pudemos nos abrigar em nossas casas para esperar que tudo terminasse. O problema foi ficarmos horas e horas presos, com medo de colocar os pés para fora, sem ver avanço algum com relação ao fim daquela Muda.

Passou-se um dia, dois, e no terceiro perdemos a esperança de que seria algo passageiro, apesar de nos aliviarmos um pouco com o fim dos raios. No entanto, não demorou muito para que começássemos a sofrer as consequências daquela Muda.

Nunca foi preciso estocar água, afinal morávamos ao lado de um rio. Nós bebíamos e utilizávamos sua água,

tanto que, quando o consumo foi limitado a um copo por dia devido ao racionamento, foi quase uma tortura.

As plantas que tínhamos na horta começaram a morrer, amassadas pelo peso das cinzas em suas folhas delicadas. Depois, começamos a ter escassez de alimentos.

Em pouco mais de uma semana já não pensávamos que conseguiríamos chegar vivos ao fim daquela Muda, mas a esperança veio quando, no décimo dia, a chuva de cinzas parou e finalmente pudemos sair de casa para ver o que havia sido destruído.

Não tive que lidar com muito mais do que alguns cortes e arranhões por causa dos tremores, o que me deu tempo para tentar salvar o que podia da nossa horta.

No décimo segundo dia, as nuvens começaram a se dissipar, e a cor do céu voltou ao normal com o passar das horas.

O que veio depois foram mais alguns dias de espera, para que todo o sangue e as cinzas do rio fossem levados pela correnteza. Demorou um pouco, mas o simples fato de podermos sair de casa e não ver um céu vermelho nos deixava mais aliviados.

Agora eu estava sentado na grama, em frente ao rio, olhando enquanto a água limpava as margens que o contornavam. Já havíamos tomado nosso merecido banho e reabastecido as reservas de água. Tudo começava a se normalizar, mas o incidente continuava ocupando seu espaço em nossas conversas.

Nunca houve uma Muda que durasse tanto tempo. Pelo menos não desde que eu me lembrava. Os mais velhos de Estrela de Ferro também não sabiam dizer se alguma das anteriores havia chegado aos pés daquela.

Nem mesmo a Guarda Real nos visitou para recolher os impostos, inclusive quando as cinzas pararam. Não recebemos notícias, e ninguém soube explicar o que havia acontecido. Isso tinha uma parte boa e uma ruim. A boa era que queria dizer que não tínhamos nada a ver com a Muda. A ruim era que o destino do nosso reino podia ter mudado para sempre e ainda não sabíamos disso.

Eles teriam vindo antes se pretendessem, mas, ainda assim, o medo de uma visita nos assombrava todos os dias.

Se me concentrasse um pouco no fluxo do rio, eu podia quase imaginar o som de seus cavalos se aproximando misturado ao barulho da água, e o ruído das peças de suas armaduras colidindo umas contra as outras. O som se aproximava cada vez mais, e... e parecia muito mais real do que deveria.

Ergui a cabeça, olhando para a outra margem do rio, de onde vinha o som de um cavalo galopando em minha direção.

Me levantei assim que o avistei, e meu coração se descompassou com a visão do que ele carregava.

Seu pelo dourado estava todo manchado de sangue no dorso, sobre o qual estava deitada uma garota de longos cabelos castanho-escuros. Ela vestia restos ensanguentados de um pano branco e peças de uma armadura dourada, e estava desacordada.

Corri até lá, atravessando o rio apressadamente e ignorando o fato de me encharcar todo do quadril para baixo. Tentei alcançá-los o mais rápido que pude.

Assim que cheguei à margem, o cavalo notou minha presença e recuou um pouco, assustado. Levantei as mãos, parando no lugar, assim que vi que ele não deixaria que eu me aproximasse tão facilmente.

— Ei, ei! Tudo bem — falei, sem conseguir tirar os olhos da garota que ele carregava, tentando ver se ainda estava viva. — Tudo bem. Não vou te machucar.

Ele parou, me fitando com seus grandes olhos castanhos. Podia parecer loucura, mas eu sabia que estava me analisando. Talvez até estivesse decidindo se deveria me deixar chegar perto ou não.

Ele *sabia* do que eu estava falando, por incrível que pareça.

— Se quiser que eu a ajude, vai ter que me deixar chegar perto — continuei.

Quando parecia calmo o suficiente para que eu tentasse uma segunda aproximação, ele me deixou dar alguns passos em sua direção. No entanto, quando eu estava prestes a tocá-lo, recuou mais uma vez. Não tanto quanto antes, mas o suficiente para que eu soubesse que ainda não o tinha convencido completamente.

— Eu juro que vou ajudar vocês — falei. — Não vou machucá-la. Vou cuidar dela. Prometo pra você.

Ergui uma mão em sua direção, dessa vez me mantendo parado no lugar e deixando que ele decidisse se queria acreditar em mim ou não; ele me pareceu bem inclinado a isso.

— Eu prometo — reforcei, em tom de sussurro.

Engoli em seco, sentindo cada vez mais a ansiedade tomar conta de mim. Aquela garota não parecia nada bem, e, quanto mais tempo eu demorasse para prestar socorro, menores seriam suas chances de sobreviver.

Prendi a respiração ao vê-lo se aproximar, encostando o focinho em minha mão, como um sinal de que eu podia chegar perto. Não pude deixar de sorrir quando o fez.

Não hesitei em voltar minha atenção direto à garota depois disso. Tirei o cabelo dela da frente de seu rosto a fim de ver se ainda respirava, e o que notei me fez parar por um segundo.

Os lábios estavam arroxeados; a pele extremamente pálida estava coberta de hematomas, arranhões, cortes e bastante sangue seco. Mas eu podia sentir sua respiração fraca. Ela ainda estava ali, e precisava de ajuda.

— Você vai ter que me deixar subir, amigão — falei, e, para minha surpresa, ele se abaixou para que eu conseguisse montá-lo, como se realmente tivesse entendido.

Não era comum ver cavalos treinados em Mydria, então desconfeiei que vinha de uma das grandes cidades, como Pulchra, Robur ou até mesmo Arthurial, nossa capital.

Subi em seu dorso, ajeitando a garota em cima dele com cuidado para que se encostasse ao meu peito. Era difícil movê-la por causa dos pedaços de armadura ainda presos ao seu corpo, mas fiz o máximo para deixá-la o mais confortável possível.

Depois, tudo o que tive que fazer foi pedir ao cavalo que começasse a andar, e ele me obedeceu, se levantando e atravessando o rio sem muito esforço, galopando velozmente em direção à cabana em que eu vivia, guiado por mim por meio dos movimentos que fazia segurando sua crina.

Ao chegar lá, ele se abaixou mais uma vez para que eu descesse, e permitiu que eu retirasse a garota de seu dorso. Levei-a até a entrada com um pouco de dificuldade. Os restos da armadura deviam pesar uns vinte quilos, e não eram fáceis de carregar.

— Gwen! — gritei. — Gwen! Abre a porta pra mim! Rápido!

— Já vou! — eu a ouvi dizer, do lado de dentro.

— GWEN! Por favor! Eu preciso de ajuda! — repeti, num tom mais urgente.

— Ai, tá bom! — Ela estava se aproximando da porta. — Quanta pressa! O que...

Ela parou de falar assim que me viu carregando a garota, e ficou alguns instantes congelada no lugar, tentando entender a situação. Quando o peso ficou insuportável, tive que pedir a ela que se apressasse, tirando-a de seu estado de choque.

— Tire as coisas da mesa — pedi, e ela obedeceu na hora, já entrando no mesmo ritmo de urgência que eu.

— Onde você a encontrou? — ela perguntou, enquanto jogava tudo no chão e forrava a madeira com um lençol branco qualquer, embolando alguns outros para fazer um travesseiro improvisado.

— Na beira do rio — respondi, colocando a garota sobre a mesa. — Em cima de um cavalo.

— E onde ele está? — questionou.

— Lá fora, mas... primeiro você vai ter que me ajudar com ela.

Tomei alguma distância, completamente perdido ao olhar para aquela garota. Não tinha ideia de por onde começar a tratar os ferimentos dela. Nunca tinha cuidado de alguém em estado tão delicado, e duvidava um pouco de que qualquer coisa que eu fizesse poderia salvar sua vida.

Gwendoline me encarou, esperando por ordens, mas tudo o que consegui fazer foi olhar para a garota na mesa. Estava perdido. Tinha tantas perguntas para serem respondidas que mal havia espaço em minha mente para qualquer outra coisa.

— Se você pretende salvar ela, acho bom começar a fazer alguma coisa agora — disse minha irmã.

Assenti. Certo. Ela tinha razão. Eu precisava me concentrar. Tínhamos muito trabalho a fazer, e eu não podia perder tempo assim. Aquela garota precisava de mim, e eu havia prometido que iria cuidar dela, então faria tudo o que pudesse para salvar sua vida.



— Thomas, você precisa dormir — disse Gwen, se aproximando de mim com uma xícara de chá. Pelo cheiro, era camomila.

— Não posso — respondi, levantando uma mão e fazendo um gesto para dispensá-la. — Ela ainda está com febre, e quero monitorar a variação de temperatura.

Ela balançou a cabeça, sem concordar muito comigo, e murmurou algo sobre deixar o chá ali caso eu quisesse. Duvidava um pouco de que eu fosse aceitar, já que a última coisa de que eu precisava naquele momento era relaxar. Se me deixasse levar por um segundo, eu sabia que acabaria caindo no sono, e *não podia* fazer isso. Precisava cuidar dela.

Passamos um longo dia cuidando de seus ferimentos. Eu fizera a maior parte, tanto por causa da experiência quanto porque Gwendoline quis ocupar seu tempo com o cavalo da garota misteriosa, dando um bom banho nele, alimentando-o e arranjando um lugar para que ele pudesse descansar.

Enquanto isso, dei centenas de pontos nas dezenas de cortes que cobriam o corpo dela e fiz misturas e mais misturas de ervas para evitar infecções e ajudar na cicatrização.

Felizmente, como um sinal de que estava conseguindo fazer o meu trabalho, ela teve breves momentos de consciência, muito sonolenta, sem nem abrir os olhos, murmurando coisas impossíveis de compreender. Eu não acreditava que estivesse sã, e provavelmente eram apenas delírios, mas foi o suficiente para conseguir que ela bebesse um pouco de água para diminuir a febre.

A parte mais curiosa eram as luvas de couro caramelo que ela usava. Eu havia tentado tirá-las, mas não se moveram nem um centímetro. Como não queria usar a força bruta, parei por alguns minutos para analisar o que as prendia, e acabei descobrindo que estavam costuradas na pele. Isso revirou meu estômago. Como alguém podia fazer uma coisa daquelas com uma pessoa?! Então decidi não as tirar enquanto a garota não estivesse acordada. Senti que aquela seria a melhor decisão a tomar por algum motivo, e apenas limpei suas luvas como pude, com água.

Também passei pomadas nas queimaduras que encontrei em seu corpo depois de limpar todo o sangue; provavelmente tinham sido provocadas por algum tipo de tortura. Fiz de tudo para deixá-la o mais confortável possível, trocando sua roupa e a armadura por uma camisola velha da minha irmã, e a acomodei em minha cama.

Limpei a mesa e o chão da cabana, mais uma vez organizando todas as coisas que tinha usado na estante; a ideia era tentar diminuir minha área de trabalho o suficiente para que minha irmã não tivesse que sofrer com aquilo. Também não queria chamar muita atenção caso algum paciente viesse nos visitar. Aquela garota era de fora da aldeia, e causaria muito burburinho entre os habitantes quando descobrissem sobre ela. Eu queria escondê-la pelo tempo que pudesse.

Não houve momentos de consciência depois que a coloquei em minha cama, mas eu soube que ela estava consideravelmente melhor quando começou a recuperar a cor e sua respiração ficou mais forte.

— Se ela passar desta noite, vai passar por todas as outras — comentei, vendo minha irmã se ajeitar em sua cama.

— Já dá pra ver como é forte só por ter sobrevivido a tudo o que fizeram com ela — Gwen disse, sorrindo um pouco, apoiando a cabeça nas mãos ao encarar a garota misteriosa. — De onde será que ela é?

Olhei para as roupas sujas dela, jogadas aos pés da minha cama. Eu podia identificar o brasão do reino de Mydria deformado no peito da armadura, mas isso não me dava muitas pistas de onde ela vinha. A maioria das armaduras, independentemente de sua origem, tinha aquele símbolo. Era uma árvore disposta dentro de um círculo de galhos entrelaçados.

— Uma das grandes cidades, provavelmente — respondi, num grande chute. — Esse metal é bom.

— Será que ela roubou de alguém? Quer dizer... não pode ser dela, né?

Gwen devia estar certa. Não existiam mulheres cavaleiras no nosso reino. Pelo menos, não que eu soubesse. Mas a questão era que nenhuma daquelas peças parecia servir num homem com o porte físico de um cavaleiro.

— É um modelo bem masculino, mas... também pequeno demais. Servia perfeitamente nela — comentei, enquanto ainda encarava o peitoral.

Minha irmã suspirou, cobrindo-se até o pescoço antes de se virar para a parede.

— Seja como for, acho que vamos descobrir só quando ela acordar. Por enquanto, acho que nos resta esperar — ela falou.

— É... isso se ela quiser nos contar — murmurei, com uma montanha de perguntas em minha mente que só fazia crescer com o passar das horas.

Alguém com aqueles ferimentos não me parecia ter apenas sofrido um acidente. Cada um deles, ao menos em sua maioria, fora provocado. Não eram ferimentos de galhos ou arranhões, e não estavam posicionados nos lugares que eu geralmente via em ferimentos causados por acidente. E, se minha teoria de que ela havia sido submetida a algum tipo de tortura ou castigo estivesse certa, eu duvidava de que ela acordaria compartilhando sua história de vida conosco.

Por fim, Gwendoline pareceu apenas concordar em silêncio, me desejando boa-noite. E, depois disso, tudo o que restou fomos eu, a garota misteriosa adormecida e uma vela pela metade.

Eu sentia o corpo todo doer devido à tensão pela qual havia passado durante o dia, e minha cabeça latejava por causa do estresse. Estava exausto, e parecia cada vez mais difícil encarar a luz da chama tremulando nas paredes enquanto mantinha as pálpebras abertas.

Agora, a cada vez que piscava, eu via as imagens da garota em cima da mesa enquanto eu fazia o que podia para salvá-la, como se

minha mente estivesse flutuando entre o sonho e a realidade, por mais que eu lutasse contra isso.

Eu via o sangue pingar da mesa para o chão, se espalhar de suas roupas para o lençol, manchando a cama e o colchão por completo. E então uma poça se expandia, vindo até a cadeira na qual eu estava sentado, sujando meus pés e o tapete de retalhos ao lado.

A poça crescia lentamente, quase que de forma arrastada, tomando tudo o que estava ao seu alcance, todo o piso da cabana, até...

— Thomas — ouvi minha irmã chamar, e quando pisquei mais uma vez, todo o sangue havia sumido. — Você está dormindo.

Olhei para ela e vi que o ambiente estava bem mais iluminado que antes. A luz do céu da manhã já entrava pelas frestas da madeira das janelas, mas eu podia ver pela cor azulada que o sol ainda não havia nascido.

— Estou? — perguntei, ainda confuso, coçando os olhos, que ardiavam.

— Bom... estava — respondeu ela, com um sorriso gentil, se agachando ao meu lado. — E é bom que continue assim. Você está com uma cara horrível.

— Mas eu preciso... — comecei, já passando o olhar para a garota deitada em minha cama, ainda desacordada.

— A febre já diminuiu bastante — anunciou ela, me interrompendo no meio da frase. — Não deve demorar muito para ela acordar, então sugiro que você esteja descansado pra quando isso acontecer. — Fez uma pausa, e seu olhar se tornou quase piedoso, como se estivesse com pena de mim. — Já fez tudo o que estava ao seu alcance. Vamos, deita na minha cama.

Talvez o sono tivesse me deixado um pouco mais receptivo, porque não hesitei muito antes de aceitar, me movendo da cadeira para seu colchão enquanto ela se dirigia ao fogão para fazer o café da manhã.

Mal tinha encostado a cabeça no travesseiro quando caí no sono, sob o som das painéis batendo contra o balcão.